

A Relevância das Pesquisas e Estudos para o Planejamento e a Gestão Pública e Empresarial das Atividades Turísticas

*Paulo Cesar Stilpen*¹

Resumo

A primeira parte do artigo apresenta diferentes conceitos de previsão e conjuntura, bem como as primeiras idéias apresentadas por destacados estudiosos da economia. A seguir, destaca a importância da evolução histórica da criação dos institutos de pesquisa e da aplicação de sondagens prospectivas. Por fim, são analisados aspectos inerentes aos diversos tipos de sondagens e a relevância da utilização de estudos e pesquisas turísticas como instrumentos necessários para o planejamento e gestão do setor.

Palavras-Chave: Previsão; Investigação; Planejamento; Gestão; Turismo.

Abstract

The first part of this article presents different concepts of forecasting and the initial ideas presented by renowned scholars of the economy. The following highlights the importance of the historical evolution of the creation of research institutes and the implementation of surveys looking statements. Finally, we analyze aspects related to various types of research and tourism studies and their importance as instruments for planning and management of the sector.

Keywords: Forecast; research; planning; management; tourism.

¹ Fundação Getulio Vargas, Praia de Botafogo, 190-6º andar-RJ, Tel.3799-5475, paulo.stilpen@fgv.br - Doutor e Mestre em Engenharia de Produção pela COPPE / UFRJ, Pós-Graduado em Gestão de Turismo, Hotelaria e Entretenimento pela FGV (MBA e Observatório de Inovação do Turismo), Graduado em Ciências Econômicas pela FEA / UFRJ, Técnico de Projetos (FGV Projetos) Consultor Sênior, Pesquisador, Coordenador de Projetos, Analista Econômico e Articulista do Núcleo de Turismo, da FGV, Professor da UNESA, UCAM e Professor Tutor do OIT-FGV.

Introdução

Os dados estatísticos no Brasil, de modo geral, eram, até recentemente, divulgados com bastante atraso, não havendo tempo hábil para a tomada de decisão governamental. Muitas dessas informações necessárias ainda não estão disponíveis. Em muitas outras, não se tem a credibilidade necessária. Tendo em vista a carência de informações em algumas Unidades da Federação, ou mesmo o atraso na divulgação desses resultados, estimava-se, precariamente, valores para a composição de inúmeras séries temporais. Desta forma, os governantes tinham, muitas vezes, uma massa incompleta e irreal de dados, imprestáveis como subsídio para a tomada de qualquer providência, pois, certamente, não surtiria o efeito desejado. Muitas delas eram adotadas com base no “achismo”.. Hoje em dia, num mundo cada vez mais competitivo, é condição *sine qua non* dispor de informações que possibilitem a adoção de medidas eficazes, visando a correção de rumos, com base em pesquisas bem elaboradas, não mais se admitindo amadorismo em qualquer ramo de atividade.

2. Previsão Econômica e Análise de Conjuntura

Segundo Fourastié (1955), o critério do êxito em matéria científica é a **previsão**. A ciência econômica merece o nome de ciência enquanto permite a previsão. A ciência permite, cada vez mais, que seja possível prever sem profetizar. O autor considera a previsão econômica em tendências a longo prazo (de 10 a 30 anos), a médio prazo (de 2 a 10 anos) e a curto prazo (de 3 meses a 2 anos). Destaca, também, que são crescentes as dificuldades que o empresário enfrenta, em virtude do espaço de tempo que transcorre entre a produção e as vendas. Na maioria dos casos, é necessário produzir mercadorias antes de se ter certeza de que serão vendidas num prazo relativamente curto e, por este motivo, tem que apostar no porvir. O empresário está, pois, a todo momento, preocupado se deve ser prudente ou audacioso (duas posições extremas). O autor ressalta, igualmente, que *"não existe ciência verdadeira sem previsão, já que uma ciência sem previsão é pura e simplesmente uma descrição histórica"*. E mais: *"que a previsão econômica não tem as mesmas regras num longo, médio e curto prazos, uma vez que o tempo não é homogêneo nas ciências econômicas - os fatores*

preponderantes para um determinado período não o serão para uma outra época" (Fourastié, 1955). Sauvy (1965) menciona que "por muito tempo, foi contestada a utilidade da previsão econômica. Objetava-se que a incerteza das previsões e seu possível malogro correriam o risco de repercutir sobre a documentação e sobre a própria ciência, que assim seriam englobadas no mesmo descrédito. O processo mais simples de previsão é o empirismo puro, o prolongamento de movimentos anteriores (nessas condições, prever é prolongar uma curva)". E acrescenta: "A previsão do acidente é muito mais difícil: se uma curva deve ser assinalada por uma queda brusca, nenhum processo de pura observação permite prever o momento desse desenlace; segundo sua própria definição (evento fortuito), um acidente é obra do acaso, todos os acontecimentos que se alinham sob esse termo são precisamente os que escapam à previsão, devido à desproporção entre a causa e o efeito". E, o que é mais importante: "A previsão tem o efeito de modificar o curso dos acontecimentos".

Na Idade Média, a palavra **conjuntura** esteve associada à astrologia e, por conseguinte, à previsão. No séc. XVIII, tende a tomar o sentido de "movimento dos negócios, estado de coisas", denotando já que a noção estática foi enriquecida de uma conotação de velocidade e, em seguida, animada de intenções previsionais. A *Encyclopédie* (Diderot et al., 1772) dá-lhe o seguinte conceito: *"Coexistência, no tempo, de vários fatos relativos a um outro que eles modificam seja para melhor, seja para pior"*. Curiosamente ressuscitada graças ao comunismo russo, na década de 1920, depois pelos alemães, tal termo impôs-se gradualmente no período entre as duas grandes guerras mundiais. É bem verdade que a palavra "conjuntura" é empregada em outros setores, além do econômico, como, por exemplo, o político. Sauvy (1965) destaca que *"Sem um qualificativo, a "conjuntura" aplica-se à situação econômica em movimento. Indo do geral ao particular, pode tratar-se da economia mundial, nacional ou simplesmente de um setor, por exemplo, pode-se falar da "conjuntura da construção civil". Mas, assim como a estatística pode designar ou um conjunto de cifras com determinada significação prática, ou a ciência que regula o estabelecimento e o manejo de tais conjuntos, assim também a conjuntura é igualmente o ramo do conhecimento que estuda os meios de formular apreciações e, quando necessário, previsões sobre a situação econômica"*.

- **Da Letargia à Ação – Os Primeiros Estudos**

A expressão Economia Política só surgiu no século XVII, com a publicação, em 1615, do “*Traité de L’économie Politique*”, do mercantilista francês Antoine de Montchrestien. A obra “*Political Arithmetick*”, de *William Petty* (1623-1687), economista e médico inglês, contribui pioneiramente para a metodologia do cálculo da renda e da riqueza nacional e remonta aos primórdios do cálculo estatístico. “*Por Aritmética Política - diria Davenant, um dos fiéis seguidores de Petty - entendemos a arte de raciocinar com algarismos sobre as coisas relacionadas com o Governo (...). Essa arte, em si mesma, é indubitavelmente muito antiga (...) (mas foi Petty) o primeiro que lhe deu o nome e lhe forneceu regras e métodos*” (Schumpeter, 1954). Em 1713, *Jakob Bernoulli* (1654-1705), de família suíça, publica a obra “*Ars Conjectourdi*”. Em 1758, o economista e médico francês *François Quesnay* (1694-1774), líder dos fisiocratas, defende, no seu “*Tableau Économique*”, a idéia de que o Estado não deveria intervir no processo econômico. O economista escocês *Adam Smith* (1723-1790) e *Richard Chantillon* enunciam os princípios do *liberalismo*, baseados no conceito de lei natural, que se resume na máxima: “*Laissez faire, laissez passer - le monde va de lui-même*”, atribuída ao Marquês de Argenson, em suas *Mémoires* (1736). Em 1803, *Jean Baptiste Say* (1767-1832), industrial e economista clássico francês, divulgador da obra de Smith, enuncia, em seu “*Traité d’Économie Politique*”, sua famosa “*Lei dos Mercados*”. Apesar de mais conhecida como “*a oferta sempre cria sua própria procura*”, o mais próximo que se pode chegar da real declaração de Say é que “*é a produção que cria o mercado para os bens*”. Com base nas teorias de *Adam Smith*, *Thomas Malthus* e do economista inglês *David Ricardo* (1772-1823) foi introduzida, no início do século XIX, a premissa de um mercado livre, que se auto-controlava, distanciado de interesses políticos e obediente a leis econômicas próprias. Eles consideravam que a economia, tal como a natureza física, é regida por leis universais e imutáveis, cabendo ao indivíduo apenas descobri-las para melhor atuar segundo os mecanismos dessa *ordem natural*.

De acordo com Sauvy (1965), “*O regime liberal pouco se preocupa com a previsão. No “Dictionnaire d’Économie Politique”, publicado em 1854, o termo não foi registrado, assim*

como os verbetes **conjetura** e **conjuntura**. Naquele regime, tudo ocorria como se uma máquina automática regulasse todos os movimentos e decidisse todas as reações: se, no mercado, a procura superasse a oferta de determinado bem, o(s) produtor(es) era(m) incitado(s) a aumentar a produção desse bem; os consumidores, a comeder-se. Assim, automaticamente restabelecia-se o equilíbrio das quantidades". A **previsão econômica** só iria ganhar corpo no momento em que aparece a **necessidade de prever as crises**. Contador (1977) destaca que "Os homens reagem não só aos eventos presentes, mas, muitas vezes, procuram antecipar-se ao que o futuro lhes encerra. Muitas formas de prever o futuro têm sido desenvolvidas e abandonadas na busca do que seria o método infalível. Afinal, as expectativas têm um papel marcante na tomada de decisões por parte de indivíduos, empresas e governos. A previsão é crucial para a política econômica, pois a capacidade de prever a evolução de certas variáveis permite a escolha de decisões que, até certo ponto, podem modificar o futuro anteriormente previsto". Além disso, salienta que "As predições, pelo fato de serem meras estimativas antecipadas, incorrem geralmente em erros, qualquer que seja o método utilizado. Uma vez que os critérios de previsão - quaisquer que sejam - não conseguem eliminar os riscos de erros, torna-se necessário manter um compromisso entre o erro médio aceitável no processo de decisão e os recursos devotados à pesquisa". Documento da OCDE (1965) alerta que "A questão importante não é se as previsões são sempre corretas ou se os acertos são mesmo mais frequentes do que os erros, mas se há outra melhor alternativa no sentido de formular a política econômica ...").

- **A Futurologia Econômica**

A esse respeito, Simonsen (1979) esclarece que "A idéia de prever a evolução econômica dos povos segundo modelos rígidos de determinismo histórico sempre seduziu os cientistas sociais. O futurólogo é uma espécie de cartomante recheado de álgebra e que procura satisfazer uma das maiores angústias da humanidade, o pré-conhecimento do futuro. Além disso, o conteúdo de suas formulações parece, pelo menos para os leigos, bem mais fundamentado cientificamente do que a simples leitura de um baralho...". E mais: "Uma das tendências mais arraigadas entre os economistas consiste em formular teorias de longo prazo

baseadas em evidências segmentárias de curto prazo. A mesma tendência, aliás, se verifica em outros ramos da ciência mas, na economia, a complexidade dos fenômenos e a exiguidade do campo experimental prepara tremendas ciladas para os futurólogos ...” Por fim, Simonsen (1979) ressalta que *"há certa dose de previsão indispensável em política econômica, devido ao prazo de maturação dos investimentos. É impossível, por exemplo, estabelecer um programa de expansão siderúrgica ou de energia elétrica sem olhar cerca de anos à frente. Por mais que desconfiemos da futurologia, não podemos escapar à fixação de certas metas a médio prazo, em termos de crescimento do produto real etc."* E, mais adiante, acrescenta: *"O importante é conceber a análise econômica como um conjunto de relações entre causas e efeitos, e não como uma ciência de previsões incondicionais"*.

3. A Criação de Institutos de Pesquisa e a Elaboração de Sondagens Prospectivas

- **América do Norte e Europa**

No princípio do séc. XX, o interesse privado e o desenvolvimento dos mercados financeiros despertavam à atenção para a *previsão bolsista*, principalmente nos *Estados Unidos*, sendo constituídos vários estabelecimentos, dentre eles a *Babson Statistical Organisation*. Foi construído um barômetro econômico, cujos elementos essenciais eram: o movimento dos negócios, a situação monetária e as aplicações financeiras. Em 1917, foi criado o *Comitê das Pesquisas Econômicas, da Universidade de Harvard*. Pela primeira vez, via-se realizada uma ligação estreita entre a estatística e a economia política. Baseados na contínua observação de vinte anos de evolução econômica, os trabalhos terminaram na construção de três barômetros: curva A (mercado financeiro ou de valores), curva B (mercado industrial, comercial ou de mercadorias) e curva C (mercado monetário). Essas três curvas descreviam as mesmas variações cíclicas, mas separadas no tempo. Por conseguinte, o conhecimento da curva A permitiria prever a evolução das outras duas. De 1919 a 1925, os resultados foram relativamente satisfatórios. Mas, a partir de então, não mais se verificaram as previsões, sendo, assim, feitos reparos constantes nos três barômetros, a fim de restabelecer as concordâncias comprometidas. E o pior aconteceu: a eclosão da Crise de 1929 (a "sexta-feira

negra", da Bolsa de NY), não prevista pelo Observatório Econômico de Harvard (e até negada o quanto possível). Em 1921, é criado, na Rússia, o *Instituto de Conjuntura*, e em 1925, é fundado em Berlim, o *Institut für Konjunkturforschung*, originariamente estabelecimento independente de estudos científicos, colocado sob o controle dos grandes serviços públicos e das associações econômicas de interesse geral. Tal Instituto foi influenciado por Harvard, excluindo, entretanto, o problema da previsão bolsista; embora construindo as curvas dos três mercados, multiplicou os barômetros: produção, estoques, mão-de-obra, preço, crédito, câmbio etc. Institutos similares foram criados em Viena (1927), Varsóvia (1928), Louvain (1928), Budapeste (1928), Estocolmo (1937) etc. Em outros países, alguns organismos (públicos ou não) dedicavam-se ao estudo contínuo da situação econômica, uns de tendência estatal, como na Itália, outros de caráter universitário, como, na Inglaterra, o *London and Cambridge Economic Services*, muito mais livres em suas apreciações.

Entretanto, destaque especial deve ser conferido às pesquisas empreendidas na França. O verdadeiro criador da conjuntura francesa é Jean Dessirier. Vendo ele fechada a via administrativa, criou, em 1930, a publicação mensal, "*La Conjoncture Économique et Financière*". Ao contrário dos métodos norteamericanos, os da conjuntura francesa repudiavam todo barômetro único e mesmo todo índice composto à base de dados muito disparatados. Em 1933, foi criado o *Institut Scientifique de Recherches Économiques et Sociales*, observatório econômico privado que publicava a revista trimestral "*L'Activité Économique*". O *Centre Polytechnicien d'Études Économiques* passou a publicar um boletim mensal, sob o título "*O Ponto Econômico*", uma análise contínua da situação, comportando algumas previsões. Efetivamente, após a depressão mundial, que se prolongou pelo início da década de 1930, a política econômica mudou de um registro passivo para uma intervenção ativa. A necessidade e a demanda de estatísticas e análises econômicas aumentou enormemente. A fim de atendê-las, foi criado, na Suécia, em 1937, o *National Institute of Economic Research*. Em 1938, foi criado, na França, o *Institut de Conjoncture*, anexo ao Ministério da Economia Nacional. Nos Estados Unidos, após a falha na detecção do início da crise econômica mundial de 1929, estendeu-se uma década de estagnação nos trabalhos na área de previsão, sucedida, em 1938, por uma fase de revitalização, com os trabalhos do

National Bureau of Economic Research - NBER, de Nova York. Enquanto que o barômetro de Harvard se concentrava em poucos indicadores, o do *NBER* abarcou algumas centenas de séries temporais, a fim de estudar as reações cíclicas e compilar grupos de indicadores agregativos. Posteriormente, o *NBER* constituiu índices de difusão a partir desses indicadores. Em 1945, foi criado, no *Canadá*, o *Central Research and Development Staff*, no *Dominion Bureau of Statistics*. Naquele ano, foi fundado, na *Holanda*, o *Central Planning Bureau - CPB*. Os inquéritos de conjuntura, baseados em "estatísticas sem cifras" (assim rotuladas por seu caráter qualitativo), tiveram origem em 1948, quando colaboradores do mais tarde chamado *IFO - Institut (Munique)* realizaram entrevistas com empresários acerca das repercussões prováveis da reforma monetária. Na primeira descrição do inquérito do ciclo de negócios do *IFO*, por *H.Langelütke* e *W. Marquardt*, em 1951, presumira-se que o sistema de barômetros do ciclo dos negócios, desenvolvido na década de 1920, poderia ser revitalizado pelo método dos inquéritos de opinião. Presumira-se que estatísticas qualitativas poderiam antecipar a situação cíclica de forma diferente daquela baseada em dados quantitativos.

Em 1952, cooperação informal foi empreendida entre pesquisadores da *França, Alemanha e Itália*, através do *Comité International por l'Étude des Méthodes Conjoncturelles - CIMCO*, com o objetivo de estabelecer mútua colaboração no campo das sondagens conjunturais. Em 1953, foi criado o *Service d'Études Économiques et Financières - SEEF*, na França, encarregado de prever a evolução econômica em um ou dois exercícios financeiros. Também naquele ano foi criado o *Centre de Recherches et de Documentation sur la Consommation*. Em 1958, foi criado o *Bureau d'Informations et de Prévisions Économiques - BIPE* e, em 1961, o *Centre d'Études de la Prospection Économique à Moyen et Long Termes - CEPREL*. Em 1960, foi criado o *Contact International de Recherches Économiques Tendanciennes - CIRET*, de um centro de pesquisa ligado ao Instituto de Econometria de Rotterdam e de um centro de informação e documentação ligado ao *IFO*. Em 1971, esses centros foram fundidos e associados ao *IFO*, sob direção do *CIRET*, já então suprimindo-se essa sigla em versão inglesa: *Centre for International Research on Economic Tendency Surveys*. Essa estrutura organizacional ultrapassou várias décadas e, atualmente, continua prevalecente.

- **Brasil - As Sondagens Conjunturais**

A Sondagem Conjuntural junto à Indústria de Transformação foi implantada pelo *Instituto Brasileiro de Economia - IBRE, da Fundação Getulio Vargas - FGV*, em 1966. Tal pesquisa, de âmbito nacional, tem como objetivo principal obter do empresário informações (em maior parte, de caráter qualitativo) sobre a evolução dos seus negócios no trimestre imediatamente anterior, a situação atual e as previsões para os três meses seguintes. São formuladas, a cerca de 2000 indústrias de diversos portes, perguntas a respeito de diversas variáveis microeconômicas: produção, procura (global, interna e externa), mão-de-obra, preços, custos, nível dos estoques, utilização da capacidade instalada, limitações à expansão da produção, pedidos em carteira e investimentos industriais. A periodicidade do inquérito é trimestral. Oliveira (1991) esclarece que *"Até março de 1972, a implementação da pesquisa de Sondagem Conjuntural esteve a cargo do Centro de Estatísticas Econômicas – CEE, quando então, ficou a cargo do Centro de Estudos Industriais - CEI, o qual passou a denominar-se Centro de Estudos Tendenciais – CET, a partir de março de 1991. Em 1972, tal pesquisa experimentou alguns aperfeiçoamentos - adaptação à nova classificação de indústrias da Fundação IBGE e reformulação do formato de apresentação dos resultados. Em julho de 1972, o relatório da Sondagem Conjuntural passou a ser publicado na revista "Conjuntura Econômica". Com relação à cobertura regional, a amostra da pesquisa foi expandida, em 1977, a fim de adequadamente refletir o estado dos negócios em cada uma das macrorregiões do País".* A Sondagem Conjuntural junto a Pequenas e Médias Empresas Manufatureiras, empreendida pela FGV, em convênio com o então *Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa - CEBRAE*, além de vir a prover, a partir de 1987, informações destinadas a instruir a política econômica segundo o porte empresarial, contribuiu também à ampliação da representatividade da amostra aos níveis setorial e regional. Em abril de 1992, em convênio firmado com o atual *Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE*, essa pesquisa foi direcionada somente às empresas de pequeno porte. Cabe ressaltar que, ao longo de todos os anos, buscou-se, intensamente, o aprimoramento analítico dos relatórios. O *CET/IBRE/FGV* se empenhou no aproveitamento máximo das Sondagens Conjunturais visando a projeção da tendência dos negócios.

A elaboração do artigo "*A Mensuração da Evolução de Indicadores Industriais*" (Stilpen, 1990) e, mais detalhadamente, a dissertação de mestrado "*Quantificação de Dados Qualitativos e Qualificação de Dados Quantitativos – Método de Análise e Previsão a Curto Prazo*" (Stilpen, 1998) estabelecem critérios inéditos de análise, quanto ao comportamento de diversas variáveis (devidamente registrados, àquela época)². O artigo "*Sinais do Futuro*" (Stilpen e Oliveira, 1990) constituiu o marco inicial, a partir do qual essa nova etapa foi instituída. Os saldos trimestrais das variáveis microeconômicas referentes às Sondagens Conjunturais junto à Indústria de Transformação vêm gerando, desde 1966, diversas séries temporais.

4. Tipos de Pesquisas e Seus Objetivos

Vale salientar que para Gil (1994), pode-se conceituar pesquisa como o "*procedimento racional e sistemático, que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos, sendo a mesma desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos*". São diversos os métodos e técnicas de pesquisa, os tipos e partes componentes de um inquérito, as técnicas de investigação científica. Neste item, os mesmos serão apresentados, de forma sucinta, segundo critérios de classificação de vários autores. No que tange aos tipos de pesquisa, considerando os procedimentos utilizados, Kerlinger (1980) as classificou em histórica, metodológica, experimental e quase-experimental; e no que concerne aos objetivos, em pesquisa básica e aplicada. Por sua vez, focando os procedimentos utilizados, Cervo e Bervian (1983) as dividiu em bibliográfica, descritiva e experimental; e quanto aos objetivos, em pura e aplicada. Considerando os objetivos, Richardson et al.(1989) discriminam: formular teorias, testar teorias e resolver problemas. Com base em seus procedimentos técnicos, Gil (1994) as classifica em pesquisa bibliográfica, documental, experimental, ex-post facto, estudo de corte, levantamento, estudo de campo, estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa-participante. Quanto aos objetivos, em pesquisas exploratórias, descritivas e

² *Escritório de Direitos Autorais, da Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, Registro nº 158.711, Livro 262, Folha 339, em 27/08/1998.*

explicativas. Santos (1999) destaca a caracterização das pesquisas segundo três fontes de informação, quais sejam: pesquisa de campo, de laboratório e bibliográfica. Já para Thomas e Nelson (1996), a segmentação se dá da seguinte forma: pesquisa analítica, descritiva, experimental, quase-experimental e qualitativa. Demo (2000) distingue quatro gêneros de pesquisa: teórica, metodológica, empírica e prática.

- **Detalhamento de Características Inerentes às Pesquisas e Estudos**

Estes são alguns exemplos de classificações dadas por diversos autores, inerentes à caracterização de pesquisas, englobando, logicamente, *aspectos não mutuamente excludentes*. O presente artigo propõe o detalhamento e características a seguir discriminados:

- **Âmbito geográfico:** mundial, nacional, regional, estadual, municipal ou local.
- **Característica:** estrutural, conjuntural ou em desenvolvimento
- **Origem:** bibliográfica, documental ou experimental
- **Gênero:** teórica, metodológica, empírica ou prática
- **Finalidade:** econômica, social, política, científica, histórica, filosófica etc
- **Setor econômico:** indústria, agropecuária, comércio ou serviços
- **Objetivo:** exploratória, descritiva ou explicativa
- **Delineamento:** estudo de campo ou de caso
- **Interesse:** público, privado ou geral
- **Natureza:** pesquisa de opinião ou de constatação
- **Tipo:** qualitativa, quantitativa ou mista
- **Fonte de financiamento:** patrocinada, com recursos próprios ou de forma mista
- **Frequência:** periódica, aperiódica ou extraordinária (eventual)
- **Abrangência temporal:** presente, passado e futuro
- **Forma de Aplicação:** método tradicional (questionário), entrevista (pessoal ou telefone) ou meio eletrônico (internet)
- **Qualificação:** segmentada (gênero, faixa etária, renda familiar, grau de instrução, estado civil, local de residência, condição de emprego) ou não-segmentada

- **Perguntas:** abertas ou fechadas
- **Opções de resposta:** dicotômicas (sim ou não), tricotômicas (aumento, estabilidade ou queda) ou em maior número.

5. Armadilhas a Evitar

O levantamento de dados, segundo diversos tipos de pesquisas, tem dado origem e fundamentado a elaboração de estudos e cenários. A seguir, o destaque dado por Porto [s.d.] às 5 "síndromes" ou armadilhas em que se envolvem muitos cenaristas. *Verbo ad verbum:*

- **“O Sonho Impossível”**
 - * A primeira armadilha é querer eliminar a incerteza.
 - * Os cenários são uma ferramenta poderosa, mas limitada.
 - * Eles, no máximo, organizam e reduzem as incertezas.
 - * Cobrir todas as possibilidades é impraticável quando não impossível, do mesmo modo como não existe decisão com “risco zero”.
- **“Conjunturalite Crônica”**
 - * É a tentação de querer mudar o cenário a cada pequena mudança, a cada “espirro” ou declaração do Ministro.
 - * O cenarista não pode ser “açodado”, precisa ser seletivo e ter espírito crítico para distinguir uma “nuvem passageira” de uma “mudança de estação”.
- **“Miopia do Mono-canal”**
 - * Trata-se de ver o mundo exclusivamente a partir de uma dimensão: a econômica ou a política ou a militar etc.
 - * Cenários desta natureza são reducionistas e representam perigosa simplificação da realidade.
- **“Overdose Numerológica”**
 - * Cenários que projetam centenas de variáveis de curto prazo.
 - * Eles têm mostrado pouca utilidade para decisões estratégicas.
- **“Prisão Paradigmática”**
 - * “Um preconceito forte cega mais do qualquer cegueira de nascença”.

- * Cenaristas dogmáticos ou preconceituosos não são bons cenaristas.
- * Muitas vezes, paradigmas muito rígidos excluem importantes possibilidades de futuro, o que empobrece muito o trabalho.

6. Aviso aos Navegantes

A seguir, são discriminados alguns pensamentos válidos para todos aqueles que lidam (ou venham a lidar) com estudos e pesquisas, objetivando o planejamento e a gestão do turismo:

1. “Dêem-me um ponto de apoio no espaço e eu deslocarei a Terra” (*Arquimedes - “O Princípio da Alavanca”*).
2. “Existem três tipos de empresas: as que fazem as coisas acontecerem, as que ficam observando o que acontece e as que ficam se perguntando o que aconteceu” (*Anônimo*).
3. “O fracasso é a oportunidade de começar de novo, de maneira inteligente” (*Henry Ford*).
4. “Não tenha medo de dar um grande passo, caso ele seja recomendável; é impossível atravessar um abismo com dois saltos pequenos. (*Anônimo*)
5. “Quando nada parece dar certo, vou ver o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes, sem que uma única rachadura apareça. Mas na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela que conseguiu isso, mas todas as que vieram antes” (*Jacob Riis*).
6. “Experiência não é o que aconteceu com você. Mas o que você fez com o que lhe aconteceu”. (*Aldous Huxley*)
7. “É melhor estar preparado para uma oportunidade e não ter nenhuma, do que ter uma oportunidade e não estar preparado” (*Whitney Young Jr.*).
8. "A vida é como andar de bicicleta. Para manter seu equilíbrio, você deve continuar em movimento." (*Albert Einstein*).
9. “A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para a frente” (*Soren Kierkegaard*).
10. “Não é triste mudar de idéia, triste é não ter idéia para mudar”. (*Barão de Itararé*).
11. “O homem é mortal por seus temores e imortal por seus desejos” (*Pitágoras*).
12. “Alguns homens vêem as coisas como são, e dizem “Por quê ? ”. Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo “Por que não ? ” (*Bernard Shaw*).
13. “É sempre melhor ser otimista do que pessimista. Até que tudo dê errado, o otimista sofreu menos” (*Armando Nogueira*).
14. “A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las” (*Aristóteles*).
15. “Engraçado. Costumam dizer que eu tenho sorte. Só sei que quanto mais eu me preparo, mais sorte eu tenho” (*Anthony Robbins*).
16. “Se quiseres, confia na pata do coelho; mas lembra-te de que ela não deu sorte ao coelho” (*R.E.Shay*).
17. “Se o desonesto soubesse a vantagem de ser honesto, ele seria honesto ao menos por desonestidade” (*Sócrates*).
18. “Sonho, logo existo”. (*August Strindberg*).

19. “Para os que crêem, nenhuma explicação é necessária. E para os que não crêem, nenhuma explicação é possível” (*Santo Inácio de Loyola*).
20. “Qualidade é quando os clientes voltam e nossos produtos não” (*Lema da Siemens*).
21. “Se uma imagem vale mil palavras, uma experiência vale mil imagens” (*Paulo Stilpen*).

7. Aplicabilidade ao Setor de Turismo

As pesquisas em turismo podem ser classificadas como de caráter conjuntural ou estrutural e os estudos a respeito podem incluir o componente “desenvolvimento”, haja vista não se tratar de algo estático, sendo lícita sua permanente revisão. Vale lembrar que todos os conceitos de planejamento comungam as idéias de complexidade e de ação voltada para o futuro; assim sendo, estudos são passíveis até de eventuais correções de rumo após sua implantação. Muitos desses estudos são atualizados periodicamente e, na grande maioria dos casos, valem-se dos resultados oriundos da aplicação de novas sondagens. As pesquisas e estudos discriminados a seguir são alguns “carros-chefes” dentre os inúmeros que foram ou estão sendo levados a efeito no âmbito do setor de turismo.

- **Pesquisas Conjunturais**

A FGV e a EMBRATUR – Instituto Brasileiro do Turismo lançaram, em 2004, a primeira pesquisa sobre turismo cujos dados são ponderados, refletindo, assim, comportamento fiel do mercado: trata-se do **Boletim do Desempenho Econômico do Turismo (BDET)**, abrangendo, inicialmente, os setores meios de hospedagem, turismo receptivo, agências de viagens, organizadoras de eventos, operadoras de turismo e restaurantes (na pesquisa de janeiro de 2006 foram incluídos os ramos parques temáticos e atrações turísticas, e transporte aéreo). Em realidade, trata-se de metodologia inédita no mundo, em termos de turismo e hotelaria, a qual baseou-se naquela utilizada com sucesso, há pouco mais de 40 anos, pela FGV, nas Sondagens Conjunturais junto à Indústria de Transformação.

Cabe ressaltar que a Fundação Getulio Vargas, em mais de sessenta anos de história, construiu sua importância no cenário nacional, a partir das diversas atividades que

desenvolve. Entre elas, a área de pesquisas tem grande importância, pois é, desde a sua inauguração, responsável pela elaboração dos principais indicadores econômicos do País. Ciente da relevância do setor de turismo para a economia brasileira, a FGV desenvolve um amplo trabalho de monitoramento e análise de suas tendências por meio do Núcleo de Turismo - NT, integrante da Escola Brasileira de Administração de Pública e de Empresas - EBAPE. Tal Escola é um dos principais instrumentos que operacionalizam a missão da FGV: transmitir os valores da racionalidade administrativa e econômica e colocá-los a serviço do interesse público e do desenvolvimento nacional. E é justamente em cumprimento a essa missão que foi implantada, complementarmente, uma outra sondagem: a **Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo (PACET)**, uma iniciativa do Ministério do Turismo e da EMBRATUR, em parceria com a Fundação Getulio Vargas. Este estudo é uma resposta às necessidades de análises consistentes do mercado turístico brasileiro.

Um terceiro e último exemplo de pesquisa em turismo, de caráter conjuntural, é a **Sondagem de Expectativas do Consumidor**, que registra mensalmente o Índice de Confiança do Consumidor, realizada pelo Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), da Fundação Getulio Vargas, e objeto de convênio firmado entre o Núcleo de Turismo, da FGV, com o Ministério do Turismo. No que concerne especificamente ao setor de turismo, a pesquisa identifica a intenção de viagem dos entrevistados a serem realizadas nos próximos seis meses, o destino (Brasil ou exterior) e o meio de transporte a ser utilizado.

É importante destacar que a Fundação Getulio Vargas, com sua tradição em pesquisas de diversas áreas, sempre se comprometeu a não divulgar as informações e dados fornecidos pelas empresas respondentes. As informações prestadas à FGV, relativas a qualquer tipo de negócio, comércio, *know-how* ou dados técnicos são utilizadas somente para o propósito de atividades relacionadas às pesquisas e não são distribuídos, revelados ou divulgados a terceiros. As pesquisas publicadas não revelam qualquer informação individualizada fornecida pelos respondentes, uma vez que as análises são realizadas com base em números agregados. A propriedade do conhecimento gerado é de uso exclusivo das equipes das pesquisas, garantindo-se que nenhuma pessoa estranha às mesmas poderá ter acesso aos dados

e que se preservará a confidencialidade das informações.

- **Pesquisas Estruturais**

É fato incontestável a expansão da atividade turística nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto no exterior. Note-se que o conhecimento das características dos mercados emissores de turistas para o Brasil pode ser o fator diferencial para a definição de uma boa estratégia de atuação tanto da área pública quanto do setor privado. O Governo Federal, consciente dessa realidade e considerando-a prioritária para o desenvolvimento do turismo nacional estabeleceu como meta, no Plano Nacional de Turismo, a atração de milhões de turistas estrangeiros. Nesse contexto, conhecer as características e o comportamento econômico dos principais polos emissores de turistas para o Brasil é fundamental para se alicerçar um consistente trabalho de preparação e venda do destino turístico Brasil. Assim, diante vital importância econômico-social das atividades turísticas e da carência de informações mais detalhadas e precisas sobre os principais polos emissores de turistas para o Brasil, a EBAPE/FGV e a EMBRATUR têm realizado pesquisa continuada visando traçar o perfil econômico dos principais polos emissores de turistas para o Brasil. São diversas as variáveis econômicas e indicadores turísticos relativos aos principais países analisados, pesquisados em inúmeras fontes de informação nacionais e internacionais, possibilitando a formação de um banco de dados estatísticos que permita melhor conhecimento do perfil do turista internacional que visita o Brasil, através de cruzamentos estatísticos e análises.

Ressalte-se que, desde 2005, têm sido elaborados, anualmente, relatórios intitulados **Estudos sobre os Principais Mercados Emissores de Turistas para o Brasil**, sendo analisados os desempenhos das economias de 20 países: no mercado asiático, da China e Japão; no europeu, da Alemanha, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal e Reino Unido; no norteamericano, do Canadá, Estados Unidos e México; e no sulamericano, da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

- **Estudos em Desenvolvimento**

O segmento de turismo, com seus benefícios diretos e indiretos, apresenta-se como alternativa viável e importante para o desenvolvimento socioeconômico do País, sendo considerado, hoje, como um setor capaz de promover a aceleração econômica e o incremento nas áreas social, cultural e ambiental. Ressalte-se que a expansão da atividade turística é um fenômeno mundial, impactando significativamente a geração de renda e emprego nas últimas décadas, constituindo-se na principal razão pela qual diversos países estão empenhados no desenvolvimento dessa atividade.

Tal fato, portanto, vem acirrando a competitividade entre os inúmeros destinos turísticos em todo o mundo, e avaliar os fatores que favorecem ou inibem essa atividade passa a ser de importância estratégica para regiões e países. Neste sentido, o primeiro passo foi a construção de metodologia de análise e de indicadores de competitividade para municípios turísticos prioritários no Brasil, procedendo-se, a seguir, ao levantamento de campo nesses destinos, de forma a verificar o atual estágio de competitividade e motivar estratégias governamentais visando a aceleração do desenvolvimento turístico. Para atingirem o nível e o tipo desejados de desenvolvimento do turismo, os governos devem recorrer a instrumentos de políticas públicas que dizem respeito ao aumento de competitividade dos destinos, sem serem contraditórios com os critérios de sustentabilidade. Desta forma, o **Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil** é mais um estudo que o NT/EBAPE se orgulha de ter elaborado, juntamente com o Ministério do Turismo e o SEBRAE. Sem dúvida, será um importante e inovador instrumento para a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo no Brasil. Já a **Elaboração de Estudos para Acompanhamento do PRODETUR Nacional**, igualmente objeto de convênio firmado entre o MTur e a FGV, visa à realização de estudos para o levantamento de informações específicas a respeito do desenvolvimento da atividade turística nas áreas prioritárias selecionadas pelos estados e municípios, no âmbito do Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo.

Outro levantamento de grande porte realizado pela FGV, em convênio com o MTur, é o **Estudo sobre a Cadeia Produtiva do Turismo**, estrutura para capacitação e produção

associada dos destinos indutores e da sua área geográfica de influência direta nos municípios indutores e nas suas respectivas áreas de influência.

Por fim (e não menos importante), a realização de **Estudos e Pesquisas para Analisar a Estratégia de Desenvolvimento do Turismo Nacional Utilizando-se do Megaevento Esportivo Copa do Mundo 2014.**

8. Em Busca da Excelência

A Fundação Getúlio Vargas surgiu em 20 de dezembro de 1944. Seu objetivo inicial era preparar pessoal qualificado para a administração pública e privada do País. Na época, o Brasil já começava a lançar as bases para o crescimento que se confirmaria nas décadas seguintes. Antevendo a chegada de um novo tempo, a FGV decidiu expandir seu foco de atuação e, do campo restrito da administração, passou ao mais amplo das ciências sociais. A instituição extrapolou as fronteiras do ensino e avançou pelas áreas da pesquisa e da informação, até converter-se em sinônimo de centro de qualidade e de excelência. A FGV tem como missão avançar nas fronteiras do conhecimento na área das ciências sociais e afins, produzindo e transmitindo idéias, dados e informações, além de conservá-los e sistematizá-los, de modo a contribuir para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, para a melhoria dos padrões éticos nacionais, para uma governança responsável e compartilhada, e para a inserção do país no cenário internacional. Líder na criação e no aperfeiçoamento de idéias que contribuam para o desenvolvimento nacional, a FGV investe e estimula a pesquisa acadêmica, o que tem resultado em produção de relevância, reconhecida nacional e internacionalmente. Também se sobressai por agregar aos trabalhos realizados o seu maior patrimônio: a credibilidade estabelecida ao longo do tempo pela experiência, segurança e competência em tudo o que faz.

No que tange especificamente à realização de pesquisas econômicas, o Instituto Brasileiro de Economia – IBRE, da FGV, tinha a incumbência de calcular o Produto Interno Bruto – PIB

(através do seu Centro de Contas Nacionais) e os índices oficiais de inflação (Centro de Estudos de Preços). A partir de 1966 (como já destacado), o IBRE iniciou as pesquisas concernentes à indústria brasileira de transformação, que se constituem, até hoje, em valioso instrumento de análise da evolução do setor e das perspectivas de curto prazo de seus diversos segmentos componentes. Sondagens regionais e estaduais foram realizadas pelo IBRE (Centro de Estudos Industriais) de 1975 a 1990. As pesquisas junto à indústria da construção civil foram lançadas em 1979, perdurando até 1995. Finalmente, vale destacar o lançamento pelo IBRE, em convênio firmado com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae, de novas pesquisas, focadas apenas para o desempenho das empresas de menor porte, e abarcando todo o setor real da economia: indústria (em 1987), comércio varejista (1992), serviços (1993) e agropecuária (1995).

Isto é um pequeno resumo, com citação de apenas algumas importantes sondagens realizadas pela FGV ao longo de décadas, desenvolvendo a *expertise* necessária decorrente da aplicação e análise dessas pesquisas e estudos, relevantes documentos que serviram como subsídio para a formulação de políticas empresariais e governamentais (além da utilização por estudiosos da economia nacional). Entretanto, até o princípio do novo milênio, raros foram os trabalhos que abordaram o tema turismo, sob o enfoque econômico. Tendo em vista o rápido crescimento do setor, reconhecido mundialmente como importante segmento gerador de renda e empregos diretos e indiretos, foi criado, em 2003, junto à Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – EBAPE, o então Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria – NEATH (atualmente, Núcleo de Turismo - NT).

A partir de então, começaram a ser elaborados estudos de qualidade, com o padrão de excelência característico da FGV. Entretanto, surgiu o grande desafio: carência de dados do setor de turismo, informações defasadas e, o mais das vezes, não condizentes com a realidade do setor. É de se imaginar que só pode ser objeto de planejamento o que é passível de mensuração; desta forma, pode-se afirmar que algumas medidas davam certo devido à experiência de alguns ou até mesmo por pura sorte. Assim sendo, o Núcleo de Turismo lançou, em janeiro de 2004, a sua primeira pesquisa de grande porte (Boletim de Desempenho

Econômico do Turismo) com base na metodologia consagrada, há pouco mais de quatro décadas, pela sondagem conjuntural junto à indústria de transformação – uma iniciativa pioneira da FGV e do Ministério do Turismo, que passaram a disponibilizar estatísticas e análises dos vários segmentos, agora utilizando dados ponderados, garantindo maior confiabilidade ao estudo trimestral. Complementarmente, em março de 2005, foi lançada a Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo, aplicada junto às empresas de maior faturamento do setor de turismo. É importante também lembrar que, mais recentemente (janeiro de 2008), o Núcleo de Turismo e o MTur, utilizando levantamento feito pelo IBRE, lançou a Sondagem de Expectativas do Consumidor – Intenção de Viagem. Além destas três pesquisas, de grande magnitude, várias outras podem ser citadas, como:

- **Pesquisa de Avaliação do Salão do Turismo – Roteiros do Brasil**
- **Pesquisa do Turismo na Cidade do Rio de Janeiro**
- **Pesquisa de Demanda Doméstica do Turismo - Via Aérea**
- **Pesquisa sobre o Comportamento do Fluxo Turístico Receptivo Internacional para o Brasil**
- **Pesquisa do Impacto Econômico dos Eventos Internacionais Realizados no Brasil – 2007/2008**
- **Pesquisa de Segunda Residência do Turista Estrangeiro no Brasil**

Alguns estudos e projetos mais “robustos”, que envolveram praticamente toda a equipe técnica do Núcleo de Turismo, foram igualmente destacados neste artigo. Muitos outros foram realizados ao longo do curto espaço de tempo de existência do NT, entre eles:

- **Projeto Estrada Real**
- **Impacto das Novas Tecnologias para o Turismo (e-Tourism)**
- **Cenários Futuros do Setor no Brasil para 2010**
- **Estudo para a Geração de Indicadores sobre o Mercado de Turistas Estrangeiros de Segunda Residência no Brasil**
- **A Movimentação Econômica dos Jogos Panamericanos**
- **Estratégia para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável na Amazônia Brasileira - PROECOTUR**

Por meio do Observatório de Inovação do Turismo – OIT, o Núcleo vem estimulando seus alunos a redigirem artigos objetivando a publicação de livros. Concomitantemente, profissionais e estudantes têm a possibilidade de publicar seus estudos na Revista Acadêmica do Turismo, lançada pelo NT em agosto de 2006. Outra forma de estimular a divulgação de estudos de alta qualidade é através da concessão anual do Prêmio de Monografias, Estudos de Caso e Reportagens no Setor de Turismo e Hotelaria (projeto realizado em parceria com o Ministério do Turismo, desde 2004). Além de estabelecer contatos com todo o *trade* turístico nacional, o NT também se relaciona com os mais destacados órgãos do setor, em vários países, estabelecendo importante intercâmbio de informações e análise das diversas metodologias de pesquisa adotadas. Pode-se afirmar, sem nenhum constrangimento, que os trabalhos desenvolvidos pelo NT e o MTur estão seguramente entre os mais avançados do mundo, refletindo o “estado da arte” em termos de pesquisas e análises sobre a evolução das atividades do setor.

9. Conclusão

Obviamente, com o passar do tempo, novas pesquisas e estudos surgirão, dando continuidade e agregando valor qualitativo às análises, através inclusive da disponibilidade de mais extensas séries temporais. A demanda de outros temas específicos também originará a elaboração de novos trabalhos, muitos deles de grande porte e complexidade. A inscrição *Altiora Semper Petens*, constante no brasão da cidade serrana de Petrópolis, do Estado do Rio de Janeiro, traduz perfeitamente o espírito do qual o Núcleo de Turismo, da FGV, está imbuído: aspirando sempre a mais alta qualidade (em termos de estudos e pesquisas). Cabe, finalmente, assegurar que o seu corpo técnico já possui experiência e criatividade necessárias neste campo e está aberta à novas idéias, pronta a aceitar novos desafios e bastante consciente de que “a imaginação é mais importante do que o conhecimento” (*Albert Einstein*). Efetivamente, sabe-se que o talento de uma equipe competente, unida e compromissada com a execução de trabalhos de ótima qualidade técnica, estabelece diferencial ímpar na elaboração de qualquer estudo, num mundo cada vez mais competitivo e demandante de trabalhos

excelentes, mas é sempre bom ressaltar que “inspiração não se aprende no colégio” e que “não basta calçar as chuteiras do Pelé para saber jogar como ele” (*ditados populares*).

Referências

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. “*Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*”, 3.ed., São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CONTADOR, Claudio R. “*Ciclos econômicos e indicadores de atividade no Brasil*”, RJ: Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA), Instituto de Pesquisas (INPES), Relatório de Pesquisa n.35, 1977.

DEMO, Pedro. “*Metodologia do conhecimento científico*”, São Paulo: Atlas, 2000.

DIDEROT, Denis; d’ALEMBERT, Jean le Rond et al. “*l’Encyclopédie*” ou “*Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers par une société de gens de lettres*”, Paris, 1772.

FOURASTIÉ, Jean. “*La prévision économique au service de l’entreprise et de la nation*”, Paris: Presses Universitaires de France.- PUF, 1955.

GIL, Antonio Carlos. “*Como elaborar projetos de pesquisa*”, 3.ed., 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DO TURISMO – “*Conta satélite do turismo (CST) Brasil 1999*”, Brasília, DF: EMBRATUR, 1999.

KERLINGER, Fred N. “*Metodologia da pesquisa em ciências sociais; um tratamento conceitual*”, São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

MASSARI, Cristina. “*Conta satélite identificará impacto da atividade turística na economia brasileira*”, Globo Online, 29/09/2005.

OLIVEIRA, Eden Gonçalves. “*História das sondagens conjunturais no Brasil*”, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Industriais, mimeo, 1991.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). “*Techniques of economic forecasting*”, Paris, 1965.

PORTO, Claudio. “*Armadilhas a evitar*”. In: “*Cenários: metodologia, usos e demanda - experiências e avaliações*”, mimeo, pp. 54 – 55 [s.d.].

RICHARDSON, Roberto J. et al. “*Pesquisa social; métodos e técnicas*”, 2.ed., São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, Antonio Raimundo. *“Metodologia científica: a construção do conhecimento”*, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SAUVY, Alfred. *“Conjoncture et prévision économiques”*, Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 1965.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *“History of economic analysis”*, Great Britain: George Allen & Unwin (Publishers) Ltd., 1954.

SIMONSEN, Mário Henrique. *“Brasil 2002”*, Rio de Janeiro: APEC Editora S.A., 9.ed., 1979.

STILPEN, Paulo Cesar. *“A mensuração da evolução de indicadores industriais”*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Industriais, mimeo, 1990.

_____. *“Quantificação de dados qualitativos e qualificação de dados quantitativos – método de análise e previsão a curto prazo”*, Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro: Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPE/UFRJ, 21/07/1998.

_____; e OLIVEIRA, Eden Gonçalves. *“Sinais do futuro”*, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Industriais, mimeo, 1990.

THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. *“Research methods in physical activity”*, 3.ed., Champaign: Human Kinetics, 1996.